

**Obras contidas nesta monografia:**

---

**Materializações de Espíritos  
em proporções minúsculas**  
por Ernesto Bozzano





## Conteúdo resumido

O presente volume abrange duas obras distintas:

- As materializações de fantasmas (do original *Les Matérialisations de Fantômes*), de Paul Gibier;
- Materializações de espíritos em proporções minúsculas, de Ernesto Bozzano.

As referidas obras foram incluídas em um único livro possivelmente pelo pequeno volume de cada um dos trabalhos individualmente.

Ambas abordam as minuciosas pesquisas desses dois grandes nomes do Espiritismo experimental a respeito das materializações de espíritos em condições rigorosas de controle e à vista de inúmeras testemunhas presentes.

A obra de Bozzano aborda especificamente as materializações em proporções minúsculas, que são fenômenos observados mais raramente e despertam especial admiração entre aqueles que os presenciam.

Ambas as obras têm, particularmente, o objetivo de demonstrar a sobrevivência da individualidade do espírito em relação à destruição do corpo físico.

## Sumário

Prefácio .....	5
<b>SEGUNDA PARTE – ERNESTO BOZZANO</b>	
<b>Materializações de Espíritos em proporções minúsculas .....</b>	<b>8</b>
ERNESTO BOZZANO – Autobiografia.....	9
Introdução .....	15
Caso 1.....	17
Caso 2.....	22
Caso 3.....	33
Caso 4.....	36
Caso 5.....	39
Caso 6.....	41
Conclusões .....	44
Adendo do tradutor ao caso 3.....	46

## Prefácio

Em recente número de *Psychic News*, o jornal espírita de maior circulação no mundo, como dizem os ingleses, tive ocasião de ver que certa articulista, cujo nome não anotei porque não havia ainda pensado neste trabalho, respondia, em termos, a um desses parapsicólogos que nunca fizeram experiências espíritas e andam por aí proclamando que o ilustre sábio inglês Sir William Crookes, já com mais de 40 anos de idade e grandes experiências realizadas no terreno científico, portanto um homem sereno e observador, fora ingênua e redondamente enganado pela jovem médium Florence Cook.

Como isto se passou na Inglaterra, deixei-o ficar por lá, porém, tendo tido também o ensejo de comprar a versão brasileira de uma obra intitulada *Os Poderes Secretos do Homem*, de autoria do francês Robert Tocquet, que diz que essa médium inglesa (como eles julgam todos os espíritas!) aprendera desde cedo a enganar esses tolos espíritas e que as suas sessões com Crookes foram todas fraudulentas, resolvi recapitular, resumidamente, a história das aparições do espírito de “Katie King” por meio da referida médium, mas desde as suas primeiras sessões de materialização, a fim de que os nossos esclarecidos leitores julguem o caso, já que esses “poderes secretos do homem” ou “poderes ocultos da mente” não chegaram, nem chegam (porque não o puderam) a explicar como a mente de uma pessoa ou pessoas funciona para alucinar uma máquina fotográfica a ponto desta fotografar coisas que não existem para eles, parapsicólogos. Porque, diga-se a verdade, esse espírito foi fotografado por diversas vezes, na presença de muitos assistentes, pessoas de grandes nomes e não menores reputações, entre as quais Sir William Crookes, considerado, na sua época, um dos três maiores sábios da Inglaterra.

Como a palavra de um espírita é sempre suspeita para esses parapsicólogos-negativistas, vamos recorrer a um dos mais reputados dicionários enciclopédicos brasileiros, qual o organizado pela Editora Globo sob a competente direção do

professor Álvaro Magalhães. Da pág. 664 da edição que temos em mãos, transcrevemos a seguinte nota biográfica:

“CROOKES, sir William – Biogr. Químico e físico inglês (1832-1919). Nascido e educado em Londres, estudou com A. W. Hofmann no *Royal College of Chemistry*. Fundou a importante revista *Chemical News*, da qual publicou o primeiro número em 1859. Notabilizou-se por suas pesquisas na espectrografia, sobre raios catódicos e fenômenos radioativos, pelas quais se tornou o precursor imediato das idéias atuais acerca da constituição da matéria. Inventou o radiômetro (1874), o espintariscópio (1903) e os vidros especiais que vedam a passagem dos raios de calor e de luz ultravioleta. Descobriu o elemento químico tálio em 1861.”

Eis o sábio experiente, meticuloso e observador, que durante vários anos foi, como os seus amigos, engazopado pela jovem médium...

Achamos oportuno rememorar o caso, fazendo um resumo da “História das aparições de “Katie King”, mas como já a temos excelentemente feita e reproduzida na obra do engenheiro Gabriel Delanne *A Alma é Imortal*, vamos reproduzi-la na íntegra.

Embora a verrina só tenha sido lançada contra esse sábio inglês, resolvemos traduzir, em defesa dos fenômenos de materializações de fantasmas ou espíritos, dois pequenos e importantes trabalhos do Dr. Paul Gibier e do Prof. Ernesto Bozzano, o primeiro precedido de sua biografia e o segundo de sua autobiografia, para demonstrar que o Espiritismo conta, nas suas fileiras, com homens de alto gabarito moral e intelectual.

E o supracitado Robert Tocquet quem é ou era? Em 1954, era ainda professor de Química da Escola Lavoisier, de Paris, e fazia parte do Conselho Administrativo do Instituto Metapsíquico Internacional e do corpo redatorial do seu órgão, a *Revista Metapsíquica*, da qual era redator-chefe o outro “demolidor” do Espiritismo, seu homônimo Robert Amadou, para quem todos os “Grandes Médiuns” (título de um livro dele) foram fraudadores.

As infâmias assacadas por Robert Tocquet contra o sábio William Crookes e a médium estão na pág. 419 de *Os poderes*

*secretos do homem*. Contra Crookes, assim: “Já dissemos o que pensávamos das experiências do sábio com Florence Cook. Julgamos que elas podem ser explicadas com duas palavras: *mistificação*, sempre, *cumplicidade*, às vezes”. E contra o médium: “O médium de Katie King era uma cínica e hábil farsista”. Assim são os parapsicólogos.

Mas passemos às aparições e materializações do espírito em questão.

**SEGUNDA PARTE**

**ERNESTO BOZZANO**

**Materializações de Espíritos  
em proporções minúsculas**



## ERNESTO BOZZANO

### Autobiografia

No interesse de seus leitores, a *International Psychic Gazette*, de Londres, pediu-me um estudo autobiográfico, no qual, acima de tudo, relate as circunstâncias que me levaram a interessar-me pelas pesquisas psíquicas. Acedo de boa vontade ao pedido, reconhecendo que a história das conversões filosóficas contém sempre ensinamentos valiosos para os que a lêem.

Digo “conversões filosóficas” muito de intento, porque a minha o foi na mais ampla expressão do termo.

Nasci em Gênova, Itália, em 1862 e a minha vida carece literalmente de episódios biográficos, pois tem sido a de um eremita.

Nunca fiz outra coisa senão estudar. Na mocidade, todos os ramos do conhecimento, atinentes às artes e ciências, exerceram igualmente irresistível fascinação sobre mim, tornando-me até difícil seguir um caminho na vida. Decidi-me, finalmente, pela Filosofia e Herbert Spencer foi o meu ídolo.

Tornei-me um positivista-materialista convicto a tal ponto que me parecia incrível existissem pessoas de cultura intelectual, dotadas normalmente de senso comum, que pudessem crer na existência ou na sobrevivência do espírito. Não somente pensava assim como até escrevia audaciosos artigos em apoio de minhas convicções. A lembrança de tal proceder me faz indulgente e tolerante para com uma classe particular de antagonistas que, de boa fé, sustentam ser capazes de refutar as rigorosas conclusões experimentais a que tem chegado o neo-espiritualismo, opondo-me às induções e deduções da Psicofisiologia, nas quais eu acreditava há 40 anos passados.

É preciso que se compreenda que, nos tempos a que me refiro, eu nada conhecia das investigações mediúnicas ou do Espiritismo, com exceção de breves artigos que eu lia nos jornais, sem lhes prestar maior atenção e nos quais se apontavam estratégias de médiuns e se comentava piedosamente a credulidade dos espíritas.

Aconteceu, porém, que no ano de 1891 o professor Th. Ribot, diretor da *Revue Philosophique*, me escreveu comunicando a próxima publicação de uma nova revista sob o título de *Annales des Sciences Psychiques*, tendo como diretor o Dr. Darieux, antecessor do professor Charles Richet. Era uma revista que se propunha principalmente a colher e investigar certos casos curiosos de transmissão de pensamentos à distância, compreendidos sob a denominação de “fenômenos telepáticos”.

A misteriosa psicologia, oculta nestas frases, me atraiu a curiosidade, do mesmo modo que o nome do prof. Richet bastava para garantir a seriedade científica do empreendimento. Respon-di ao prof. Ribot, agradecendo-lhe a atenção e incluindo-me entre os assinantes da revista.

Devo sinceramente declarar que a leitura dos seus primeiros números produziu desastrosa impressão sobre o meu irreconcili-ável *criterium* positivista. Parecia-me escandaloso que certos representantes da ciência oficial quisessem discutir seriamente a transmissão de pensamento de um continente a outro, as apari-ções de fantasmas telepáticos, como entidades reais, e casos atuais de assombração. O inibitivo poder das preconceções tornara a minha faculdade de raciocinar inteiramente inacessível a tais idéias novas, ou, melhor, a tais fatos novos, pois realmente se tratava de fatos demonstrados cientificamente e rigorosamente documentados, embora eu não estivesse habilitado a assimilá-los. Quando ainda era esse o meu estado mental, apareceu na *Revue Philosophique* um longo artigo do prof. Rosenbach, de São Petersburgo, Rússia, atacando com violência a “sacrílega intromissão deste novo misticismo” nos recintos da Psicologia oficial e explicando os novos casos pelas hipóteses da “alucina-ção”, das “coincidências fortuitas” e mais algumas de que não me lembro.

Tais refutações me pareceram tão deficientes e inábeis a pro-duzir efeito contrário ao que me repugnava à mente, como o autor pretendia, que me convenci de que a questão era realmente de fatos. Em conseqüência, julguei o prof. Rosenbach incapaz de combatê-las simplesmente com idéias preconcebidas.

Aconteceu assim que refutações desastradas de um dos meus correligionários, aferrado à sua crença positivista, me fizeram dar o primeiro passo para a nova Ciência da Alma, à qual viria depois a consagrar a minha vida.<sup>1</sup>

No número seguinte da *Revue Philosophique* apareceu, felizmente, um artigo do prof. Richet, no qual as argumentações superficiais do prof. Rosenbach foram refutadas ponto por ponto. Esse artigo aumentou extraordinariamente as minhas convicções quanto à realidade dos fatos e quanto ao mistério em que a explicação deles estava envolta. Nesse mesmo ano, da lavra do Sr. Marillier, apareceu uma versão em francês do famoso livro *Phantasms of the Living* (por Myers, Gurney e Podmore) sob o título de *Hallucinations Telepathiques*, tradução que adquiri incontinenti e que serviu definitivamente para me convencer da realidade dos fenômenos telepáticos. Faço notar que esse convencimento meu em nada alterou a minha crença positivista, porque a explicação científica, então em voga, dos fenômenos, explicação segundo a qual eles derivam do pensamento a caminhar pelo infinito em ondas concêntricas, satisfazia inteiramente ao meu juízo científico.

Não obstante, eu havia dado, com segurança, sem o saber, um grande passo na estrada de Damasco, porque essa primeira concessão a respeito das manifestações supranormais me colocara irrevogavelmente num novo campo de pesquisas, que iriam conduzir-me em direção oposta à do Positivismo materialista que eu professava. De fato, não tardei a chegar a um período de crise na minha consciência científica. Foi a obra de Alexander Aksakof *Animismo e Espiritismo* a causa dessa crise, abalando profundamente os alicerces de minha crença positivista.

Seguiu-se para mim uma época de perturbação moral, pois que, embora o novo caminho se orientasse no sentido de uma fé científica mais confortadora, não é sem desalento que assistimos à demolição do sistema completo de nossas convicções filosóficas, adquiridas à custa de meditações acuradas e de perseverantes esforços intelectuais.

No aludido período, li várias obras metapsíquicas, de autores então afamados, as de Kardec, Delanne, Denis, d'Assier, Nus,

Crookes, Brofferio, do Prel, porém não custei a verificar que quem desejasse realizar trabalhos científicos úteis nesse novo campo de pesquisas teria de remontar às origens do movimento espírita. Conseqüentemente, escrevi para Londres e New York a fim de obter as principais publicações datando do começo do movimento até 1870 e, à chegada dos livros pedidos, abriu-se para mim o período realmente frutuoso das investigações sistemáticas no vasto terreno do metapsiquismo.

Catalogava cada obra que lia, anotando os respectivos assuntos por ordem alfabética adequada, com a intenção de os utilizar para a classificação comparativa e a análise dos fatos e casos. A excelência de semelhante método de investigação ficou de tal modo provada, que continuo a empregá-lo até à presente data. Guardo imorredoura lembrança desse período de fervorosas e perseverantes pesquisas, porque por meio delas me tornei capaz de assentar as minhas novas convicções espíritas sobre uma base cientificamente inabalável.

Entre as obras que mais me influenciaram para a adoção de meu novo ponto de vista, mencionarei as seguintes:

- Robert Dale Owen: *Footfalls on the Boundary of another World* e *The Debatable Land between this World and the Next*;
- Epes Sargent: *Planchette, the Despair of Science*;
- Sra. de Morgan: *From Matter to Spirit*;
- Dr. N. B. Wolfe: *Startling Facts in Modern Spiritualism*.

É verdadeiramente deplorável que tais obras, há muito impressas, não fossem reeditadas na Inglaterra e na América, desde que conservam intactos seu frescor e seu valor. Quanto à história do movimento espírita, o livro da Sra. Ema Hardinge-Britten, *Modern American Spiritualism*, me foi de grande ajuda. Pelo que concerne à história dos precursores nesse mesmo campo, colhi grande resultado da obra em dois volumes de William Howitt *History of Supernatural*.

Do ponto de vista da fenomenologia mediúnica e de efeitos físicos, as atas, redigidas pela Sra. Speer, das sessões experimentais com William Stainton Moses foram as que produziram maior

efeito persuasivo sobre as minhas convicções, em virtude da intervenção do espírito na fenomenologia, demonstradas nos comentários da *Light* de 1892 a 1893.

Fiquei assim apto a formar para mim mesmo um sólido conhecimento científico, tirado dos argumentos. Entendi, porém, que chegara o momento em que deveria confirmar os meus conhecimentos teóricos com investigações experimentais.

Entrementes, por aquela misteriosa lei que une uma pessoa a outra pela afinidade das aspirações e tendências, encontrei várias pessoas que se ocupavam a sério com pesquisas mediúnicas, entre as quais menciono o Dr. Giuseppe Venzano, Carlo Peretti e Luigi Arnaldo Vassallo, editor do *Século XIV*.

Tivemos a boa sorte de descobrir, no nosso próprio grupo, dois médiuns poderosos de efeitos físicos e mentais, com o auxílio dos quais obtivemos manifestações de todos os gêneros: fortes pancadas a distância, luzes, transportes de objetos pesados e provas de identidade dos espíritos.

Realizaram-se então as experiências com Eusápia Paladino, nas quais o prof. Enrico Morselli tomou parte e maravilhosos resultados foram conseguidos. Vimos materializações completas de espíritos, observados à luz de um bico de gás Auer, enquanto o médium jazia no gabinete, atado pelos braços, pernas e cintura a uma cama de campanha. As experiências anteriores foram por mim relatadas em meu livro *Ipotesi Spiritica e Teorie Scientifiche* e o prof. Morselli fez outro tanto em sua obra *Psicologia e Spiritismo*.

Aqui termino as minhas memórias, lembrando que o que se me pediu foi que esboçasse a narrativa dos primeiros passos por mim dados no caminho que me conduziu às convicções espíritas que atualmente possuo.

Termino fazendo notar que as minhas convicções amadureceram lentamente, no curso, não pequeno, de 40 anos de pesquisas em que perseverei, empreendidas que foram sem idéias preconcebidas de qualquer espécie, daí o me sentir no direito de manifestar abertamente a minha crença na significação e importância de tais investigações a que devotei grande parte de minha vida.

Aquele que, em vez de se perder em discussões ociosas, empreende sistemáticas e aprofundadas pesquisas dos fenômenos metapsíquicos e nelas persevera por muitos anos, acumulando imenso material de casos e aplicando-lhe os métodos das investigações científicas, há de infalivelmente ficar convencido de que os fenômenos metapsíquicos constituem admirável coletânea de provas, todas convergindo para um centro: a demonstração rigorosamente científica da existência e da sobrevivência do espírito. Esta é a minha convicção inabalável e nutro a esperança de que o tempo se encarregará de demonstrar que tenho razão.

## Introdução

Relendo o relatório apresentado pela Sra. Juliette-Alexandre Bisson ao Congresso Metapsíquico de Copenhagen (1922), no qual ela resume as suas experiências com a médium Eva Carrière, fiquei surpreso com o grande enigma teórico que oferece o fenômeno de materialização de espíritos em proporções minúsculas.



Uma das materializações minúsculas obtidas com a médium Eva Carrière

Trata-se de um fenômeno obtido em plena luz diuturna e na presença de seis espectadores, isto é, em condições experimentais que excluem toda espécie de fraude, assim como a possibilidade de se explicarem os fatos em questão pela hipótese da alucinação.

Pensei que seria então útil examinar, posteriormente, esse fenômeno estranho e perturbador e, para tal fim, consultei a coleção inteira de minhas classificações de fenômenos a fim de assegurar-me se não haviam, entre os casos metapsíquicos, outros casos semelhantes. Nada descobri entre os casos já antigos, mas entre os mais recentes encontrei cinco outros episódios

análogos ao relatado pela Sra. Bisson. Além disso, na categoria das “visões clarividentes de espíritos”, encontrei certo número de aparições em formas minúsculas, entre as quais algumas verdadeiramente estranhas e interessantes, em pontos de vista diferentes.

Não me parece, entretanto, que essas manifestações apresentem analogias utilizáveis para a explicação das materializações minúsculas, apesar do detalhe característico das proporções reduzidas que lhes é comum.

Nessas condições, julguei não dever considerá-lo neste estudo, podendo, em todo caso, ocupar-me dele em separado.



## Caso 1

Começo a narração dos fatos reproduzindo a interessantíssima narração da Sra. Juliette Bisson. Escreve ela:

“Há 5 meses o engenheiro Sr. Jeanson, um dos meus assistentes, mostrou-se muito interessado pelas minhas experiências às quais ele assistia regularmente. Baseando-se nos fenômenos espontâneos obtidos por Eva em plena luz do dia (fenômenos assinalados em minha obra), ele me perguntou se eu aceitaria fazer sessões, à tarde, no grande aposento em que moro.

Confesso ter hesitado um pouco por causa da médium. Sabia que a experiência era possível, mas que causaria uma reação muito viva na médium e, por repercussão, uma fadiga muito intensa nela. Consenti, porém, reservando-me o direito de suspender a sessão se a médium não pudesse suportar esse gênero de experiências...

... Na hora atual, podemos trabalhar com a luz do meu atelier; víamos aparições de dia, sem inconvenientes.

Há algumas semanas, com grande surpresa nossa, depois de ter seguido com interesse a evolução de uma porção de ectoplasma que se desenvolvia em Eva, uma deliciosa mulherzinha de 20 centímetros de altura apareceu no meio dessa substância. Essa mulherzinha deslizou de cima de Eva, avançou docilmente para nós e, continuando os seus movimentos, veio colocar-se nas mãos de Eva, fora das cortinas, depois nas mãos do Sr. Jeanson e, em seguida, nas minhas.

Passo à exposição dos fenômenos, lendo-vos a ata feita pelo Sr. Jeanson:

### **Sessão de 25-05-1921, às 16 horas e 36 minutos**

Os assistentes são em número de seis. A Sra. Bisson adormece a médium. Esperamos três quartos de hora. No fim desse tempo, a respiração da médium se acelera, faz ouvir sons guturais e, em suas mãos, que, segundo o costume, não deixavam de ser seguras por nós, a Sra. Bisson à direita e eu

à esquerda, aparece, subitamente, um pouco de uma substância cinza e branca, cujo volume aumenta, atinge o de uma tangerina, depois ovaliza-se e alonga-se de tal modo que o seu comprimento pode ter uns 20 centímetros e seu diâmetro 6 centímetros. Nesse momento e *em plena luz diuturna, a materialização se desprende das mãos da médium* e dos fiscalizadores e se mostra um pouco acima. Cada um de nós verifica que a extremidade esquerda da materialização se transforma em cabelos muito finos e que a parte central se torna branca e muito clara. Ela se modela muito rapidamente e podemos todos reconhecer, admiravelmente modelada, a curva da cintura de uma mulher, vista de costas, como que engastada em uma ganga sem forma. A parte branca se dirige rapidamente para a direita, depois para a esquerda e a substância se transforma progressivamente em uma mulherzinha nua, de forma impecável, na qual vemos surgir, sucessivamente, a cintura, as coxas, as pernas e os pés.

Da substância primitiva só restam alguns cordões cinzentos e pretos, enrolados no baixo ventre e dos quais não vemos os pontos de ligação. A pequena aparição é admirável de delicadeza; longos cabelos louros a cobrem, enrolados na cintura; seios descobertos; a parte inferior é de uma brancura notável.

A materialização tem 20 centímetros de altura; *ela é perfeitamente iluminada pela luz que jorra através dos vidros de uma larga janela; ela é visível a todos*. No fim de dois minutos, desaparece, depois se mostra de novo. Os cabelos estão dispostos de outra maneira, pondo-lhe o rosto à mostra. Verificamos que as pernas têm movimentos próprios; uma delas se dobra, fazendo movimentar as articulações do quadril e do joelho. Ela desaparece bruscamente. Logo depois a substância branca ressurgue nas mãos da médium, aí se mostrando, muito rapidamente, um delicado rosto de mulher, parecendo iluminado por uma luz que lhe é própria. É, em tamanho, cinco vezes maior do que a materialização precedente. Admiramos-lhe o azul dos olhos e o carmim dos lábios. A aparição some. Introduzo minha mão livre pela aber-

tura do saco e sinto então um contato indefinível que se pode comparar ao roçar que produziria uma teia de aranha. Pouco depois, a médium entreabre o saco: tornamos a ver a mulherzinha nua, estendida no avental da médium.

Ela é vista em sua forma primitiva, porém 5 centímetros menor; está deitada no regaço da médium, com a cabeça voltada para a esquerda. Os braços estão desembaraçados da cabeleira. A Sra. Bisson pede à aparição para mover-se, a fim de mostrar que está viva. Logo a pequena forma se agita e, sem mudar de lugar, move-se, mostrando, sucessivamente, o lado direito e depois a face.

Ela retoma a sua posição anterior. As pernas, que estavam à direita, deslocam-se e se cruzam à esquerda; depois, apoiando-se sobre as mãos, a forma faz um movimento ascendente à força dos músculos dos braços, assim como é clássico em ginástica, colocando-se de pé para tornar a deitar-se em nova posição, desta vez com a cabeça voltada para a direita.

A médium me segura a mão livre e, levantando-a à boca, faz-me explorar-lhe a cavidade, que acho inteiramente vazia. Durante esse tempo, a formazinha continua as suas evoluções, subindo e descendo, verticalmente, pelo peito da médium, como um ludrião.

Nesse momento, a médium retira as suas mãos das nossas e, segurando este corpezinho, deposita-o nas minhas mãos, a 40 centímetros de distância do saco. A aparição fica nas minhas mãos durante 10 segundos e cada um pode verificar-lhe a perfeição das formas. Esse pequeno corpo é pesado e o tato que dele tive é seco e suave, porém não me deu a impressão nem de quente nem de frio. Depois desaparece das minhas mãos. Vimo-lo ainda um momento evoluir sobre os joelhos da médium, depois desaparece definitivamente. Deixamos a médium repousar alguns instantes, depois a revisamos e a estendemos em um divã próximo.

Essa sessão é inesquecível, quer pelo interesse dos fenômenos, quer pela admirável fiscalização.

Lida e achada absolutamente exata.

(Ass.) *Juliette Bisson, Maurice Jeanson, Anne Barbin, René Duval, Jean Lefebvre, J. de la Beaumelle*”

A Sra. Bisson comenta assim a ata dessa memorável sessão:

“Que significam essas manifestações? De onde saem elas? Que são? Muitas hipóteses foram arquitetadas, todas elas interessantes, ainda que uma só possa pretender ser a verdadeira. Se, como supõem os espíritas, são espíritos de desencarnados que nos vêm visitar, de que esfera desce essa mulher em miniatura de que acabo de falar? De onde provêm essas manifestações insólitas? Se a teoria da ideoplastia, que ensina que a idéia em ação provém sempre do médium ou dos espectadores (para fazer uso de um termo já antigo) é a verdadeira, como explicar o papel quase negativo que representam os espectadores do ponto de vista da produção do fenômeno? Como explicar igualmente – sempre dentro da hipótese ideoplástica – o transe brutal da médium em horas imprevistas? Como explicar, por exemplo, que, às 8 horas da manhã, Eva, ocupada, quer em seu toucador, quer em seu apartamento, caia bruscamente adormecida? Só tenho tempo de transportá-la para a sala das sessões, onde ela me dá uma materialização... Enfim, precisamos todos continuar com as nossas verificações e experiências, sem buscar dar um nome à força X que utilizamos durante os nossos estudos. Todavia, somos obrigados a declarar que tal força é inteligente. É impossível, atualmente, afirmar que tal ou qual hipótese corresponde à realidade dos fatos. O que é inegável é a existência de uma força X, de uma “energia inteligente” que preside certas experiências, parecendo dirigi-las.”

O momento ainda não chegou de fazer seguir as considerações da Sra. Bisson pelas nossas. Com efeito, os processos da análise comparada, aplicados a alguns episódios dos casos de que tratamos, poderão apenas permitir-nos descobrir algum fundamento indutivo legítimo para a solução do problema. Limito-me, então, a insistir no fato das condições experimentais literalmente irrepreensíveis, dentro das quais o fenômeno se

produziu. Notarei que o ideal dos metapsiquistas foi sempre o de obter fenômenos físicos em plena luz diuturna e que dessa vez chegou-se a atingir o fim desejado. Os experimentadores tiveram oportunidade de seguir a evolução de uma materialização minúscula, em todas as fases do seu desenvolvimento, desde o aparecimento de um núcleo de ectoplasma que, alongando-se e condensando-se, modelou-se como por encanto, sob os seus olhos, começando as suas transformações por uma das extremidades. Viram surgir daí uma fina cabeleira loura que chegava até a cintura da forma feminina em miniatura, a qual, depois de toda formada, se moveu, levantando, deitando-se, subindo na médium e deixando-se colocar na palma da mão dos espectadores para desaparecer em seguida, bruscamente, e depois de reaparecer, não menos repentinamente, menor ainda. Essas circunstâncias eliminam, de modo absoluto, qualquer possibilidade de fraude, sendo, pois, absurdo duvidar-se da autenticidade dos fatos.



Ampliações dos rostos de duas das materializações minúsculas obtidas nas sessões

Aquele que duvidasse delas seria convidado a explicar como poderia reproduzir, pela fraude, semelhante manifestação, em plena luz do dia, na presença de seis pessoas e com um médium seguro pelas mãos. Que se poderia pretender ainda: Suponho que ninguém pensará em pôr em dúvida o fenômeno aqui relatado, estupefaciente que ele é.

Outros episódios análogos, que seguem, demonstram que o fenômeno de que se trata não é único em seu gênero: eles contri-

buem para torná-los mais assimiláveis às nossas mentes sempre obstinadas em querer circunscrever as possibilidades da natureza.

## Caso 2

Este caso é extraído das já célebres experiências do Dr. Glen Hamilton, de Winnipeg, Canadá.

Do ponto de vista que nos ocupa, difere, consideravelmente, do da Sra. Bisson, pois que os fenômenos de materialização minúscula se limitam, aqui, à formação de rostos animados e vivos, de três dimensões, que se produzem com o auxílio de uma emissão de ectoplasma aderente à face da médium, atingindo suas proporções apenas um terço do rosto desta. Difere também do caso da Sra. Bisson sob este outro aspecto: são produzidos em plena obscuridade. Vários aparelhos fotográficos, assestados para o mesmo ponto, as fixaram em chapas sensíveis.



Um conjunto de máquinas fotográficas que focalizavam um mesmo ponto para fixar as fotografias, tiradas nas sessões, em chapas sensíveis. Desnecessário se faz lembrar que máquinas fotográficas não se alucinam...

Escreve o Dr. Hamilton:

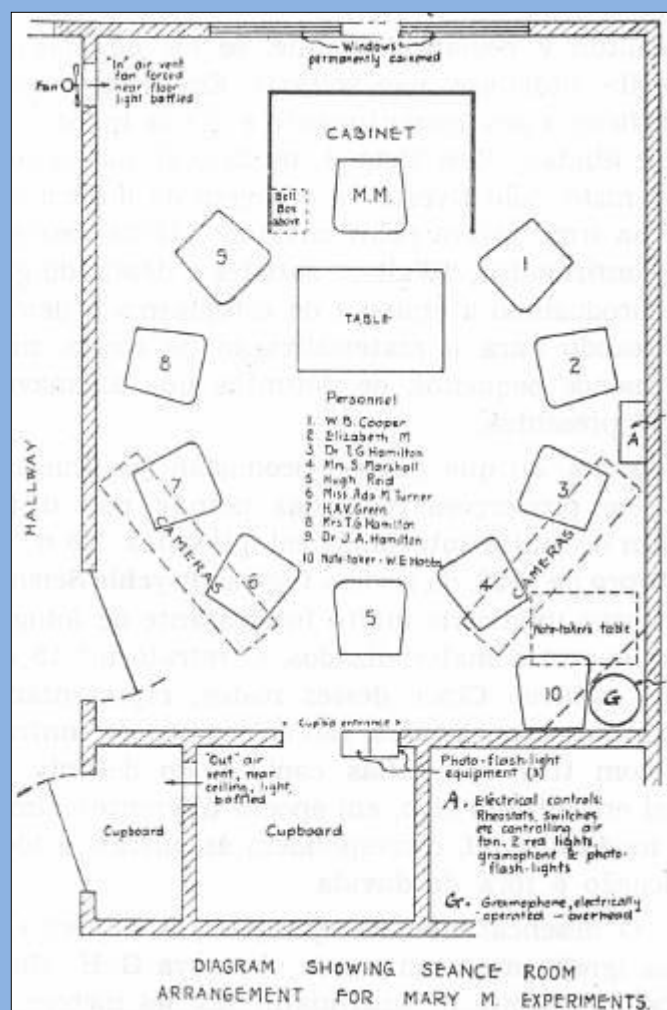
“Não fomos levados a fazer experiências por motivo de natureza sentimental nem por convicções ou considerações religiosas, mas sim impulsionados por intensa curiosidade de natureza científica. Queríamos verificar o que de verdade

havia nas manifestações mediúnicas. Como nos propusemos satisfazer nossas intenções de maneira rigorosamente científica, decidimos só conceder atenção aos fenômenos observados em condições de fiscalização que permitissem eliminar toda espécie de fraude. Com esse fim, empregamos sempre métodos científicos:

- 1º) provocando a repetição do mesmo fenômeno em condições diversas;
- 2º) tomando notas exatas à medida que os fenômenos se produziam;
- 3º) empregando amplamente a fotografia.” (*Psychic Science*, 1929, pág. 180).



Materialização de “Lucy”, um dos “guias” da médium Mary M.



O diagrama acima mostra a disposição da sala das sessões. No gabinete ficava a médium Mary M. e ao redor 9 experimentadores. Por detrás dos experimentadores n<sup>os</sup> 3, 4, 6 e 7 estavam colocadas as máquinas fotográficas que eram acionadas ao mesmo tempo, tirando as fotografias de vários ângulos. Havia, bem defronte do gabinete em que se achava a médium, uma mesa grande e no canto da sala o 10<sup>o</sup> experimentador, que era encarregado de tomar notas de tudo que acontecia nas sessões.

O Dr. Hamilton experimentou com duas médiuns que se pres-taram graciosamente às experiências, mas as materializações de rostos minúsculos foram exclusivamente obtidas pela mediuni-dade de Mary M., a respeito da qual dá o narrador as seguintes informações:

“Aprendemos a respeitar nela uma mulher trabalhadora, desinteressada, devotadamente sensível aos interesses de sua confissão religiosa, de seus amigos, de sua pequena família. Do mesmo modo que a outra médium, não teve Mary M. o-



casião de receber uma instrução qualquer que fosse, todavia é inteligente, com capacidades diversas notáveis.

Desde a sua infância percebera que possuía faculdades visuais e auditivas que não podia compreender. Há alguns anos interessou-se pelas experiências mediúnicas, freqüentou sessões e não tardou a cair em transe. Em janeiro de 1928 Mary M. tornou-se membro de nosso grupo, do qual a outra médium, Elisabeth, continuava a fazer parte. Durante os três primeiros meses o esperado desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas causou-nos certa decepção, pois, com efeito, não se notava nela nenhum sinal de faculdades supra-normais. Seus progressos pareciam depois encaminhar-se para as formas comuns de mediunidade, com estado de transe mais profundo, acompanhado de um aumento de suas faculdades de clarividência e clariaudiência. Eis, porém, que em dado momento uma mudança feliz se operou graças à intervenção de uma entidade espiritual que tomou o controle da médium.” (*Psychic Science*, 1929, págs. 183-4).

Achando-me na necessidade de abreviar esta narração, direi que esse novo espírito-guia, que reformou a mediunidade de Mary M., deu o nome de Walter Stimson, irmão e guia espiritual da famosa médium de Boston, Sra. Margery Crandon. Ele começou por ensaiar a produção dos mesmos fenômenos probantes executados no grupo de Boston, porém, como a experiência das campainhas, que se faziam ouvir em uma caixa fechada, a qual abria a série de fenômenos, pouco interessasse ao Dr. Hamilton, este não executou as minuciosas instruções de fiscalização científica ordenadas por “Walter”.

“Walter” acabou por indispor-se com o Dr. Hamilton e declarou-lhe que se ele não fazia o que lhe ordenara, não voltaria. Em seguida, para justificar o seu ressentimento e a sua insistência, disse ainda: “Eles (os sábios) não acreditam nisto. Não tiveram a coragem de dizer que a minha irmã falava pelos ouvidos?” (essa asserção foi confirmada). “Walter” satisfez o desejo do grupo, produzindo a emissão de ectoplasma e dele se utilizando para a materialização de rostos, mais ou menos pequenos, de defuntos que afirmavam estar presentes.

Estes, ao que parece, produziam os seus rostos em proporções reduzidas porque não dispunham de muita substância ectoplásmica. No número de outubro de 1929 da revista inglesa *Psychic Science*, apareceu uma série muito interessante de fotografias de rostos materializados. Cinco desses rostos, representando o mesmo desencarnado, são colocados em confronto com três fotografias comuns do defunto tal qual era quando vivo, em épocas diferentes. Umas, de modo notável, correspondem às outras: a identificação não permite dúvida.

O desencarnado em questão era ministro de uma igreja protestante e se chamava G. H. Spurgeon. A história de suas manifestações merece ser aqui resumida:

No decurso da sessão de 4 de novembro de 1928, “Walter” pediu a um dos assistentes para passar a mão pelo rosto da médium. A pessoa a quem se dera essa ordem, depois de haver executado a ordem recebida, declarara nada lhe ter percebido nem no rosto nem no pescoço. “Walter” deu então o sinal convencional para que se acendesse o magnésio. Logo que essa ordem foi executada, “Walter” pediu a um dos experimentadores que passasse um lápis e uma folha de papel à médium, que se achava mergulhada em profundo transe.

A médium escreveu no papel qualquer coisa e “Walter” anunciou que ela escrevera o nome do defunto cujo rosto materializado saíra na chapa. Ele ordenou que se entregasse a folha de papel ao Dr. Hamilton, não devendo ninguém vê-la enquanto a fotografia obtida não fosse mostrada à outra médium, visto que essa, tendo percebido, pela clariaudiência, o defunto que se materializara, iria reconhecê-lo na fotografia.



Materialização ectoplásmica minúscula do rosto de “Walter”, o falecido irmão e “guia espiritual da médium Margery.

Preciso é acrescentar que “Walter” tinha antes pronunciado algumas palavras de momento, contendo referências religiosas, dizendo que o que ele fazia era repetir o que lhe transmitia um dos espíritos presentes, de nome John Plowman. Seguiram-se as instruções de “Walter” e, quando a chapa fotográfica foi mostrada à médium Elisabeth, esta observou, com espanto, que se tratava de um espírito que conhecia muito bem e que lhe dissera chamar-se Spurgeon. O Dr. Hamilton tirou então do bolso o papel escrito pela outra médium, no qual se lia Charles Haddon Spurgeon.

Fizeram-se, em seguida, outras descobertas notáveis, isto é, que o nome John Plowman, pronunciado por “Walter”, era o pseudônimo de Spurgeon quando escrevia artigos para revistas. Verificou-se, além disso, que as frases pronunciadas por “Walter” constituíam uma passagem do último sermão proferido pelo reverendo Spurgeon. Concebe-se que nenhum dos assistentes tinha conhecimento dos fatos em questão.

Relativamente à fotografia obtida durante a referida sessão, escreve o Dr. Hamilton:

“Esta materialização foi fixada por três aparelhos, entre os quais um estereoscópico.

Os três retratos apresentam o mesmo fenômeno: um rosto absolutamente perfeito em todos os seus detalhes e que mostra tais indícios de vitalidade e uma semelhança tão espantosa com os retratos de G. H. Spurgeon que provocaram imenso interesse e grande surpresa.

Do ponto de vista biológico, é de notar que na fotografia as duas seções de ectoplasma se estendem como asas de uma borboleta em repouso. Analisando as margens das duas asas, verifica-se que são notavelmente análogas, como se constituíssem duas seções de um invólucro que seria fendido lateralmente em uma linha bem nítida para fazer aparecer o rosto nele contido. Esta forma morfológica de desenvolvimento parece ter algumas semelhanças com o fenômeno que se observa na vida das plantas.

Enfim, esse rosto em miniatura se mostra em três dimensões como um rosto normal, pelo menos no exterior; reproduz a figura de um indivíduo normal, salvo nas proporções.” (*Psychic Science*, 1929, págs. 200-1).

Em uma outra relação sobre os mesmos fenômenos e se referindo ao conjunto dos fatos, observa o Dr. Hamilton:

“Dos treze rostos fotografados até aqui, todos, menos um, são rostos em miniatura, ainda que todos, menos um, sejam figuras de pessoas adultas.

Essas miniaturas delicadas, que não atingem um terço do rosto da médium, são perfeitas em seus traços e parecem vivas; elas se impõem então aos pesquisadores como uma fonte inesgotável de estudos e maravilhas. Graças ao relevo que as sombras conferem aos traços da figura, assim como ao fato da incidência produzida pela luz nas pupilas dos olhos (como se observa nas fotografias tomadas em ângulos diferentes), obtém-se excelente prova de sua formação em três dimensões. Uma outra circunstância de grande valor científico consiste no fato de que todos esses rostos ectoplásmicos são cercados desta substância em condições amorfas, de ma-

neira a fazer supor que elas se formam no invólucro da substância que se fende quando a organização do rosto está completa. Se esta hipótese é exata, e nossas experiências o demonstram muito eficazmente, achamo-nos em face de um processo embrionário semelhante ao de todo processo gerador natural. Notarei que essa analogia já foi assinalada pelo Dr. Geley.” (*Psychic Science*, 1931, pág. 268).

O Dr. Hamilton evita construir teorias, entretanto sente-se que ele está muito impressionado com o fato dos rostos minúsculos de defuntos que afirmam estar presentes e que são identificados e, sobretudo, com o outro fato das admiráveis provas de identificação pessoal que se ligam à imagem materializada de Spurgeon, o que faz com que ele conclua dizendo:

“É verdade que grande número de pesquisadores eminentes, no domínio das pesquisas psíquicas, se propuseram ignorar ou antes ocultar o traço característico de natureza subjetiva que sempre está associado à emissão de ectoplasma. Essa atitude foi sábia no primeiro período transitório, no decurso do qual se tratou, sobretudo, de certificar-se da realidade dos fenômenos; mas, presentemente, é chegado o momento em que podemos e devemos analisar os fatos em seu conjunto, isto é, tomando seriamente em consideração a circunstância da inteligência ou das inteligências interpostas, que dirigem os fenômenos.

Devemos fazê-lo com um cuidado escrupuloso e com a mesma coragem moral que empregamos em analisar as maravilhas da substância ectoplásmica.” (*Psychic Science*, 1929, pág. 208).

Eis palavras serenas, sábias e sagradas, que infelizmente não serão muito facilmente ouvidas pelos investigadores eminentes aos quais o Dr. Hamilton faz alusão.

Não importa que a circunstância das inteligências interpostas, que acompanham sempre estas manifestações, seja a mais importante para a penetração de sua origem.

Notarei, a esse respeito, que o conjunto das manifestações de que falamos já nos permite entrever qual deveria ser a orientação do pensamento científico para chegar ao fim desejado.

É que, se os fenômenos em questão parecem ser produtos da ideoplastia, se parecem ser criações de um pensamento e de uma vontade exteriorizadas tomando forma concreta, não é menos verdade que tudo contribui para demonstrar que esse prodígio não deveria ser sempre exclusivamente atribuído ao poder supranormal do pensamento e da vontade dos vivos (Animismo), mas também, conforme as circunstâncias, ao pensamento e à vontade dos defuntos (Espiritismo). E no caso em questão, no qual se obtiveram imagens de defuntos que os experimentadores não conheciam e que deram excelentes provas de identificação pessoal, esta segunda versão da hipótese ideoplástica teria todas as probabilidades de ser verdadeira.

Jamais deixarei de repetir que o Animismo e o Espiritismo, longe de serem hipóteses opostas, são complementares uma da outra e ambas necessárias à interpretação espiritualista dos fenômenos mediúnicos.

Efetivamente, se a sobrevivência é um fato, só se pode encontrar nas profundezas da subconsciência as faculdades supranormais do espírito, já formadas, posto que ainda em estado latente, faculdades que não poderiam ser criadas do nada, no momento da morte.

Se assim é, essas faculdades devem emergir, por jatos fugazes, nas crises de minoração vital às quais os indivíduos estão sujeitos (sono fisiológico, sono mediúnico, síncope, narcose, coma). Ora, é justamente o que atestam os fenômenos “anímicos”, que, pelo simples fato de existirem, provam que o homem já é um espírito durante a sua vida na carne, na expectativa de exercer suas faculdades espirituais latentes em um meio adaptado, depois da crise da morte. Donde ainda uma vez: a existência dos fenômenos “anímicos” constitui uma condição indispensável para admitir-se a existência dos fenômenos “espíritas”.

Segue-se daí que, do nosso ponto de vista e graças ao fenômeno anímico da ideoplastia, devemos conjeturar que aquilo que

um espírito “encarnado” pode fazer, um espírito “desencarnado” deve poder fazer também, com a vantagem, para este último, de poder realizá-lo muito melhor, visto achar-se livre do invólucro carnal, que cria um obstáculo, em certa medida, ao exercício das faculdades transcendentais do espírito.

Concluimos: a análise do caso em questão nos autoriza a pensar que, em princípio, é inteiramente provável que as materializações minúsculas de rostos e de espíritos constituem simples “simulacros” (do mesmo modo que várias fotografias transcendentais), porém simulacros projetados e materializados pela vontade das personalidades mediúnicas que operam e que, em certos casos, são as personalidades dos defuntos representados nas formações em apreço.

Acrescento, todavia, que esta interpretação dos fatos admite várias exceções à regra, pois que se encontram condições especiais de manifestações, como, por exemplo, no caso da Sra. Bisson e nos três casos análogos que vão seguir.

Essas condições especiais exigem interpretações diferentes, considerando que as figuras minúsculas se mostram vivas e inteligentes. Fiz referência a uma dessas interpretações a propósito do caso relatado pelo Dr. Hamilton, notando que certas personalidades mediúnicas explicaram que elas se materializaram em proporções reduzidas porque não dispunham de ectoplasma suficiente para fazê-lo em proporções normais. Falarei de uma interpretação desses fatos quando tratar do caso 6, onde o rosto apareceu em forma reduzida a fim de não despender muita força.

Com as duas interpretações que acabo de indicar, estamos em condições de responder, por completo, às seguintes interrogações da Sra. Bisson:

“Se, como supõem os espíritas, são espíritos de desencarnados que vêm visitar-nos, de qual esfera desce esta forma em miniatura? Donde provêm estas manifestações insólitas?”

Finalmente, dever-se-ia conjecturar que estas últimas só são simples simulacros projetados e materializados pela vontade das

personalidades mediúnicas que operam, ao passo que as “figuras minúsculas”, vivas e inteligentes, não proviriam de nenhuma esfera espiritual especial; elas se organizariam em proporções minúsculas ou por falta de ectoplasma à sua disposição ou pela vontade das próprias entidades que se materializavam e que assim agiriam para não gastarem muita força. Acrescento que essas duas interpretações receberão, pouco mais adiante, confirmações absolutamente decisivas.



### Caso 3

Tiro este episódio da obra da Sra. Anne Louise Fletcher, *Death Unveiled* (A morte sem véu). Ele adquire maior importância probatória pelo fato de a autora que relata o fato, do qual foi testemunha, achar-se em companhia do conhecido metapsiquista norte-americano Dr. Hereward Carrington, experimentador metuculoso, prestidigitador habilíssimo, com 30 anos de experiências nas pesquisas psíquicas e autor da obra *The Story of Psychic Science* (História da Ciência Psíquica).

Escreve a Sra. Fletcher:

“Em Washington tive ocasião de assistir, em casa de um amigo, a uma sessão com a bem conhecida médium Srta. Ada Bessenet de Toledo (Ohio). A sessão se realizou em completa obscuridade, porém o Dr. Hereward Carrington estava sentado à direita da médium e vigiava-lhe atentamente todos os movimentos. Não tardamos em ver aparecer as habituais luzes que iam e vinham à altura do teto; em seguida, “vozes diretas”, masculinas e femininas, se fizeram ouvir no alto, cantando “solos” e “duos”.

Quando as primeiras formas materializadas apareceram, iluminando a si próprias, entrevi, de maneira fugaz, o rosto de minha mãe, o qual me apareceu depois sob a forma de um camafeu. Um dos meus amigos, falecido havia já algum tempo, se materializou tão perfeitamente bem que lhe percebi, na face direita, um grande sinal natural que o caracterizava. Naturalmente, nesse grupo de 8 pessoas não fui a única a ser favorecida com essas manifestações.

O fenômeno, porém, que mais me surpreendeu, interessando-me grandemente, foi a materialização de uma figura com a altura de 14 polegadas, cercada de longo manto flutuante, a qual se pôs a dançar na mesa, entre mim e o Dr. Carrington (estávamos sentados um defronte do outro).

Como explicar esse fenômeno? Talvez que tenhamos percebido, pela visão inversa (como quando se olha em um bínóculo ao contrário), essa pequena que dançava ao ritmo da

música, iluminada por sua própria luz? Em todo caso, era bem uma mulherzinha viva, perfeitamente normal, salvo no que concerne às suas proporções minúsculas. É também possível que tenhamos obtido um ensaio de transmissão à distância de uma “imagem psíquica”, graças às ondas elétricas, assim como se faz pela “televisão”. É, enfim, possível que a entidade em questão, por um ato de sua vontade, tenha querido materializar-se em proporções reduzidas. Consta-nos que, nos fenômenos de materialização, os espíritos se manifestam mais ou menos bem, segundo o grau de intensidade com o qual chega a concentrar o pensamento sobre o fenômeno que se propõe produzir. Isto explicaria porque diversas vezes as materializações dos desencarnados não correspondem, no que concerne à sua altura ou à sua beleza, à expectativa dos experimentadores. O Dr. Carrington colocou na mesa um prato quimicamente preparado que registrou o fenômeno da luminosidade dos espíritos, mas não a sua aparência. Recordarei que cada uma das materializações sucessivamente iluminava a si própria.” (Ibidem, pág. 50).

O episódio supra parece inteiramente análogo ao narrado pela Sra. Bisson.

Neste último caso, a figurinha materializada demonstrara a sua natureza de criatura viva e inteligente, executando, por assim dizer, operações ginásticas; a de que fala a Sra. Fletcher a demonstrou, ao contrário, dançando na mesa ao ritmo da música.

A Sra. Fletcher se esforça pela resolução do problema que estabelece esse fenômeno propondo quatro hipóteses diferentes, das quais a terceira é a mesma que propus mais acima. Com efeito, ela supõe que as materializações minúsculas não deveriam ser sempre olhadas como simples simulacros projetados à distância pela vontade dos defuntos, mas que poderiam ser às vezes animadas pelos espíritos dos defuntos que se materializariam, por sua própria vontade, em proporções reduzidas.

Na sua quarta hipótese a Sra. Fletcher supõe que essas materializações poderiam também ser mais ou menos pequenas em consequência da intensidade com a qual a entidade espiritual

chega a concentrar o pensamento sobre o fenômeno que se dispõe a produzir. Esta é uma hipótese que poderia também ser bem empregada, segundo as circunstâncias.

## Caso 4

O seguinte episódio é tirado da revista inglesa *Psychic Science* (1925, pág. 221) e narrado pelo comandante de artilharia C. C. Colley, filho do arcediogo Colley, bem conhecido como intrépido defensor da verdade espírita em face de todos, mas sobretudo perante os seus próprios confrades em religião: os pastores, diáconos, arcediagos e bispos. O comandante Colley, numa conferência realizada na sede do *British College of Psychic Science*, relatou, entre outros, o seguinte caso que lhe é pessoal:

“Certo dia do mês de agosto de 1898 fui convidado para assistir a uma sessão com o mesmo médium de que falei na minha última conferência. Recordarei que nessa ocasião levei comigo um oficial subalterno, meu amigo, que acendera um fósforo, do que resultou que, da outra vez, não levei ninguém a essa sessão. Éramos quatro: o médium, o nosso hospedeiro, a sua filha e eu. Os espíritos me anunciaram que eu iria assistir a uma manifestação prodigiosa e que me preparasse para ver um fenômeno que não obteria nunca mais em minha vida. Respondi-lhe: “Se assim é, concedei-me tempo para tomar todas as medidas de fiscalização necessárias”. Assim, depois de haver fechado a porta à chave, pedi licença para fechá-la de modo que não pudesse ser aberta nem de dentro nem de fora. Fechei, da mesma maneira, a janela e, quando adquiri a certeza de que ninguém poderia sair do aposento ou de aí penetrar, comecei a esquadrihar todos os cantos desse aposento, inclusive o piano, que era de grandes dimensões. Após isto, pediram-me para abaixar a luz do gás, o que fiz gradualmente, solicitando que concedessem tanta luz quanto possível, o que fizeram a ponto de eu poder ler, correntemente, um jornal ilustrado que se achava na mesa.

O médium estava mergulhado em profundo transe. De repente, vi sair de seu lado algo parecendo o vapor de uma chaleira fervendo. Esse vapor tomou a forma de um tubo – que chamaremos o condutor da substância – que se alongou

até atingir o centro da mesa oval em torno da qual estávamos sentados. Aí ele se transformou numa nuvenzinha de cerca de dois pés de diâmetro, que não tardou a tomar a forma de uma bela boneca da altura de 18 polegadas, que se pôs a passear graciosamente na mesa, como se fosse a miniatura viva de um espírito. Ela se apresentou diante de cada um de nós com muita naturalidade e, finalmente, sentou-se em meus joelhos.

Tive o privilégio de apertar-lhe a mão, que não era maior do que o meu polegar.

Essa mãozinha era quente, mas desde que a apertei via-a fundir-se na minha, que esfriou subitamente e pareceu-me cercada de uma espécie de nevoeiro. Então, a figurinha começou, por sua vez, a dissolver-se rapidamente, deixando uma como nuvem na mesa. Finalmente, o “tubo condutor” foi rapidamente absorvido no lado direito do médium. Tais são os fatos. Felizmente para mim, verifico que o auditório a quem me dirijo não é o mesmo que ouviu meu pai quando lhe aconteceu narrar um fenômeno semelhante a que assisti-ra e durante o qual vira materializar-se uma forma de mulher com a altura de 4 pés, num processo análogo ao que acabo de descrever.

Dúvida alguma padece de que o fenômeno que acabo de relatar é digno de toda a atenção dos sábios por causa das induções que se pode extrair dele. Devemos considerá-lo como uma experiência científica, pois, com efeito, não está longe o dia em que se descobrirá que essas materializações são reguladas por leis estritamente físicas. Minha teoria a esse respeito é a seguinte: “Quando os espíritos dos defuntos não dispõem de substância suficiente para materializar-se ao natural e fazer-se identificar, podem, todavia, materializar-se em miniatura. Por que? Eu, por mim, ficaria mais satisfeito em ver a figura completa de meu pai, em miniatura, com o seu porte característico e os seus gestos habituais, do que unicamente a sua cabeça em proporções normais. Ora, sou de opinião que, no caso em apreço, algo de semelhante se realizou. Dir-se-ia que essa mulherzinha se manifestou a mim

dessa forma na esperança de que a reconhecesse pelos gestos, pelo porte, pela roupa. Infelizmente, devo dizer que não a reconheci, porém a sua graciosa figurinha, com os seus cabelos louros anelados, maravilhosamente conformada e vestida de roupa branca parecendo de musselina, me ficou gravada na memória de modo indelével.”

Este caso é, por sua vez, absolutamente semelhante aos outros dois que o precederam. Notarei que, no caso da Sra. Bisson, a figurinha materializada subiu na palma da mão de três experimentadores e que, no caso do comandante Colley, a forma sentou-se nos joelhos deste.

Quanto à hipótese formulada pelo Sr. Colley para considerar o fenômeno a que assistira, pode-se ver que ela é a mesma que formulei a respeito. E se se considera que outro experimentador, a Sra. Fletcher, chegou a hipóteses que pouco diferem da de que tratamos, só se pode deduzir daí que essa concordância na interpretação do fenômeno já demonstra que esta hipótese é a mais natural.

## Caso 5

O episódio que segue não é uma narração propriamente dita dos fenômenos observados, mas simplesmente uma referência a fenômenos desta categoria que se produziram durante longa série de manifestações mediúnicas complexas e extraordinárias, fenômenos que realmente se deram e que servem para esclarecer, ulterior e eficazmente, a gênese provável das manifestações minúsculas, o que me levou a tomá-lo seriamente em consideração.

Na interessantíssima narração do professor F. W. Pawloski a respeito de suas experiências com o famoso médium polonês Frank Kluski, publicada na já citada revista *Psychic Science* (1925, págs. 206-8), encontra-se a passagem que aqui reproduzo:

“As materializações não são sempre do tamanho normal. No fim da sessão, quando o médium começa a ficar esgotado ou quando não está fisiológica e psicologicamente bem disposto, a estatura dos espíritos torna-se inferior à normal; ela fica reduzida a dois terços ou mesmo à metade da normal. A primeira vez que me sucedeu observar esse fenômeno, julguei tratar-se de crianças, mas examinando-as melhor, distingui os rostos enrugados de um velho e de uma velha, em dimensões muito reduzidas. Quando esse fato se deu, a personalidade dirigente das sessões disse: “Ajudemos o médium”, expressão empregada no círculo para fazer notar que o médium começava a perder as forças e que os experimentadores executassem simultaneamente a respiração profunda cujo efeito era literalmente maravilhoso: o tamanho dos espíritos anões aumentava rapidamente e, em alguns segundos, tomava proporções normais.” (Ibidem, págs. 216-7).

Não se poderia desejar melhor prova experimental do que esta para demonstrar que a hipótese que propus, como dois outros experimentadores, para explicar as causas que determinam as materializações minúsculas é legítima, racional e bem fundada, pois que é confirmada por modalidades nas quais se realizam os fenômenos em questão. Dever-se-á então reconhecer que, quan-

do rostos ou espíritos em proporções minúsculas se materializam, isto significa, quase sempre, que as personalidades mediúnicas que se manifestam não dispõem de ectoplasmas em quantidade suficiente para poderem materializar-se normalmente. É o que vemos produzir-se no caso exposto pelo professor Pawloski, no qual, desde que os assistentes, executando a respiração rítmica profunda, fornecem, abundantemente, fluido vital ao médium, o tamanho dos espíritos materializados aumenta, tornando-se, em alguns segundos, normal. Ora, esse fato não é apenas uma prova a favor de minha tese, mas constitui também uma demonstração absolutamente decisiva de que ela está certa, salvo sempre a circunstância de que o fenômeno pode, por vezes, produzir-se por efeito da vontade da entidade que se manifesta.



## Caso 6

Na importantíssima narração do Sr. E. H. Saché, de Auckland (Nova Zelândia), publicada na *Light* (a partir do nº de 15 de novembro de 1929), encontra-se um episódio de figurinhas vivas completamente materializadas. O médium era a Sra. Lily Hope, residente em Wellington. O narrador fê-la ir a Auckland e escreve a respeito:

“A médium viveu em nossa casa durante os 16 dias que duraram as minhas experiências e nesse período de tempo apenas saiu duas vezes, acompanhada por minha esposa e eu.”

As sessões de materialização se realizaram à luz vermelha com a médium no gabinete, mas as formas saíam do gabinete mediúnico para se mostrarem em plena luz e muitas vezes afastavam as cortinas a fim de fazerem ver a médium sentada na poltrona e mergulhada em profundo transe.

Escreve o Sr. Saché:

“À luz vermelha viu-se o ectoplasma cair lentamente sobre o estrado, no ponto de junção das duas cortinas. Ele se elevou até três pés de altura e, no interior dessa substância, começaram a aparecer rostos em miniaturas que se formavam e se dissolviam. Em dado momento, apareceu um rosto que tinha um nariz muito comprido e pouco depois dois rostos se materializaram simultaneamente um ao lado do outro. Não nos esqueçamos de que isto se produzia sob os olhares de todos, com uma luz mais do que suficiente e os nossos olhares perscrutadores se aproximavam, às vezes, de algumas polegadas do ectoplasma gerador. Nesse momento, *Sunrise* (o espírito-guia) nos pediu que abrissemos a cortina lateral e olhássemos para o interior do gabinete. Olhamos e vimos que o médium jazia na sua poltrona enquanto o ectoplasma se formava no centro do gabinete.”

A respeito de outra circunstância, escreve ainda o Sr. Saché:

“Houve um curto intervalo de repouso, depois do qual vimos aparecer, no meio de nós, uma figurinha com a altura de cerca de 30 polegadas, a qual, sorrindo, nos dirigiu a palavra. Ela diz ser *Sunrise*, que deixara, por alguns instantes, o controle da médium a fim de mostrar-se a nós. Perguntamos-lhe por que se manifestava em dimensões tão reduzidas e ela respondeu que assim o fizera para não gastar muita força. Tendo lhe pedido que permanecesse entre nós mais algum tempo do que as outras manifestações, sorriu, fez um sinal negativo com a mãozinha e desapareceu.”

Neste quarto episódio das materializações minúsculas integralmente organizadas, nota-se primeiramente uma confirmação da observação que formulamos em nossos comentários ao caso precedente, isto é, que o fenômeno das materializações minúsculas algumas vezes deve realizar-se em consequência de um ato de vontade da entidade manifestante. Neste último caso é, com efeito, a própria entidade que afirma ter-se materializado em proporções reduzidas para não consumir muita força. Parece-me, então, que as duas hipóteses que propus para a explicação das causas que determinam as materializações minúsculas já foram examinadas sob diferentes pontos de vista que convergem todos para sua confirmação.

Apenas, no caso narrado pelo Sr. Saché, há outra coisa ainda a considerar. Nota-se nele, com efeito, o importantíssimo detalhe de a figurinha materializada conversar com os assistentes. Segue-se daí que neste caso trata-se, evidentemente, da encarnação da entidade que operava na pequena forma materializada. Nestas condições é mais do que patente que se deveria admitir, em geral, a hipótese que propus e segundo a qual as “materializações minúsculas de rostos e de espíritos” devem ser consideradas como projeções de simples “simulacros” materializados pela vontade das personalidades operantes.

De outra parte, porém, não é menos verdade que esta regra está sujeita a exceções, pois o último episódio o demonstra de maneira decisiva. Penso que ninguém o contestará, mas, ao mesmo tempo, não ignoro que, a propósito da inteligência que anima a pequena forma materializada, se me poderia objetar que

esse fato não demonstra a presença, no local, de entidades espirituais estranhas ao médium, pois o “psiquismo” deste último poderia muito bem animar a figurinha. Responderia que neste caso especial é impossível provar o contrário e não insistirei nisso, ainda que tal não seja opinião minha bem refletida, fundada na circunstância de que, nas experiências do Dr. Hamilton, ainda que só se tratasse de simples rostos em miniatura, chegou-se a obter magníficas provas de identificação pessoal de mortos que materializavam os seus rostos.

E, como no episódio a que refiro, as indicações pessoais fossem ignoradas de todos os assistentes, fomos levados, racionalmente, a admitir a presença espiritual, na sessão, daqueles que eram os únicos a conhecê-las e que, ao mesmo tempo, materializaram a imagem dos seus próprios rostos.

## Conclusões

A presente classificação demonstra que o magnífico caso relatado pela Sra. Bisson, longe de ser único, já se renovou pelo menos seis vezes nestes últimos tempos, com modalidades idênticas de produção, o que basta para conferir-se alto valor de autenticidade aos casos de materializações minúsculas.

Nessas condições, era cientificamente oportuno que se lhes descobrissem as causas. A análise comparada de alguns casos que eu recolhi permitiu-me fazê-lo. Com efeito, graças ao exame das modalidades nas quais esses fatos se produziram, vimos que o fenômeno das materializações anãs tinha como causa determinante a circunstância da quantidade mais ou menos suficiente de ectoplasma e de fluidos de que dispunha o espírito que operava. Este, não podendo manifestar-se em proporções normais, o fazia em dimensões reduzidas, o que não impede que, em certos casos, o fizesse para economizar a força e os fluidos de que dispunha.

Pareceu-me, ao mesmo tempo, necessário formular a esse respeito uma hipótese mais extensa, segundo a qual os fenômenos em questão, especialmente quando se trata de simples rostos, podem, em princípio, ser considerados como projeções criadas por um ato de vontade das personalidades mediúnicas que operam, ou bem, em casos especiais, simulacros criados por um ato de vontade dos espíritos de defuntos, cujos rostos ou figuras foram representados nas formas em apreço. Sempre, bem entendido, com as inevitáveis exceções à regra, nas quais as figurinhas materializadas aparecem vivas, inteligentes, o que leva a pensar que elas são diretamente animadas pelas entidades que as criaram.

Relativamente ao último problema que se refere à individualidade psíquica (subconsciente ou estranha ao médium) das personalidades mediúnicas que se manifestam nessas condições, o momento ainda não é chegado de formulá-lo definitivamente, pois os dados de que dispomos sobre o assunto não são suficientes.

Entretanto, o fato, mais acima assinalado, de terem certas personalidades mediúnicas de defuntos chegado a demonstrar a sua identidade pessoal, só pode fazer-nos inclinar para a suposição de que se trata, muitas vezes, de verdadeiras intervenções estranhas aos médiuns e assistentes. Isso corresponde, aliás, ao que se verifica em todas as categorias de manifestações psíquicas que, segundo as circunstâncias, podem ser algumas vezes *anímicas* e em outras ocasiões *espíritas*. Não seria, pois, lógico supor que as manifestações de que acabamos de tratar constituam uma exceção à regra e que sejam sempre *anímicas*.

*Ernesto Bozzano*

### Adendo do tradutor ao caso 3

O Dr. T. Glen Hamilton foi um ilustre experimentador espírita de Winnipeg, Canadá, cuja visita à Inglaterra, em 1932, constituiu notável acontecimento nos anais das pesquisas psíquicas.

No dia 30 de julho ele realizou uma palestra no *British College of Psychic Science*, ilustrada com projeções de lanterna e para um vasto auditório constituído, inclusive, de muitas pessoas de destaque no domínio das pesquisas psíquicas.

O conferencista foi apresentado ao público pela Sra. Rose Champion de Crespigny, *Honorable Principal* do *British College*, que discorreu sobre as pesquisas realizadas pelo Dr. Hamilton em um círculo privado com médiuns preparados por ele, e a Sra. Hewat McKenzie, outro membro eminente do *College*, referiu-se ao grande interesse despertado nessa importante associação inglesa pelas experiências do cientista canadense.

A *Psychic Science*, muito apreciado órgão do *British College*, publicou, em vários números seus, relatos das sessões do Dr. Hamilton, todos eles ilustrados com as mais curiosas fotografias psíquicas.

Dentre as experiências do Dr. Hamilton, as que mais nos interessam para este apêndice sobre as materializações minúsculas são as que vêm narradas nos números de janeiro e outubro de 1932 da referida revista bimestral. Elas foram realizadas em 22 de setembro e 27 de outubro de 1929. Para fotografar os interessantes e curiosos fenômenos ectoplásmicos que se produziam nas sessões, o Dr. Hamilton dispôs um total de 11 máquinas fotográficas, de vários tipos e fabricantes, em duas prateleiras, na frente e nos lados direito e esquerdo da médium, com as necessárias disposições para se baterem as chapas conjuntamente e de modo instantâneo.

No meio das notáveis fotografias que ele tirou na primeira dessas memoráveis sessões destaca-se a que se vê abaixo, que é uma ampliação. Na fotografia original os quatro rostos são quase microscopicamente pequenos. Vêm-se nela: 1) Arthur Conan Doyle, facilmente reconhecível por quem quer que o tenha

conhecido em vida, mesmo em retrato; 2) C. H. Spurgeon um jovem pregador; 3 e 4) um rosto de moço e um crânio, ambos, evidentemente, “desenhos” de “Walter” na massa ectoplásmica.



Abundante emissão de ectoplasma que sai da boca da médium Mary M., mostrando rostos minúsculos, entre os quais o do falecido Sir Arthur Conan Doyle.

Com referência ao aparecimento da forma minúscula do rosto de Conan Doyle, devemos esclarecer o seguinte: a 17 de abril Conan Doyle, escrevendo pela mão da médium Mercedes em transe, disse que, se “Walter” lhe permitisse, ele produziria uma imagem ectoplásmica de sua pessoa, e assim o fez.

A outra massa ectoplásmica, acerca da qual queremos chamar a atenção dos leitores, produziu-se na sessão de 27 de outubro de 1929, como dissemos antes, sendo a vigésima segunda massa ectoplásmica a ser fotografada bem defronte da médium de Winnipeg, Mary M., e a nona a revelar a presença de rostos minúsculos.

Em muitos dos seus aspectos ela constitui a mais notável e brilhante produção psicofísica até então obtida, pois a nitidez e a perfeição biológica dos rostos minúsculos bem demonstram que se verificou excepcional fenômeno.

Na primeira sessão preliminar duas pequenas massas ectoplásmicas apareceram e foram fotografadas. Pela primeira vez o sinal, para se bater o instantâneo, *sinal este sempre dado na mais completa escuridão*, foi dado por um médium auxiliar na pessoa de um dos assistentes – um médium assistente – pela entidade espiritual “Walter”, diretora dos trabalhos.

Na sessão de 29 de setembro essa personalidade espiritual predisse a formação de ectoplasmas com outros rostos, tais como os que se produziram de Stead, Spurgeon e outros. No dia 6 de outubro “Walter” também referiu-se ao futuro fenômeno, informando então que a manifestação que eles esperavam produzir requeria uma boa porção de “força” de todos, médiuns e assistentes.

Na sessão de 20 de outubro “Walter”, falando pela médium Mary M., com pesar informou que ele não pudera, nessa sessão, produzir o “quadro” como pretendia, devido ao fato de que, ao contrário do costume, se examinara a cabeça da médium e a parte superior de seu corpo, sem o habitual aviso para tal. Em consequência, eles haviam destruído o seu “trabalho” inicial. Esse alegado “erro de técnica” deu por resultado que, no meio da sessão, outro “guia” de Mary M., conhecido por “Black Hawk” (o índio Gavião Preto), falando em lugar do aborrecido e desapontado “Walter”, deu, inesperadamente, o sinal convencional para se tirar o instantâneo, obtendo-se a fotografia em que se vê a massa ectoplásmica saindo da boca da médium.

Antes de principiar-se a célebre sessão de 27 de outubro, a médium Mary M. foi despida, lavada com uma esponja e vestida com uma roupa apropriada para a sessão. Os assistentes e os arranjos da reunião foram os mesmos de sempre, inclusive com uma taquígrafa que registrava no papel todas as particularidades dela. As mãos da médium em transe foram seguras de um lado pelo Sr. W. B. Cooper e do outro pelo Dr. J. A. Hamilton, os quais lhe examinaram cabeça, rosto, pescoço, busto, antebraços, nada encontrando de mais, do que fizeram uma declaração audível para todos.

Os outros dois médiuns caíram logo em transe e comunicaram que, com toda probabilidade, a manifestação, há muito



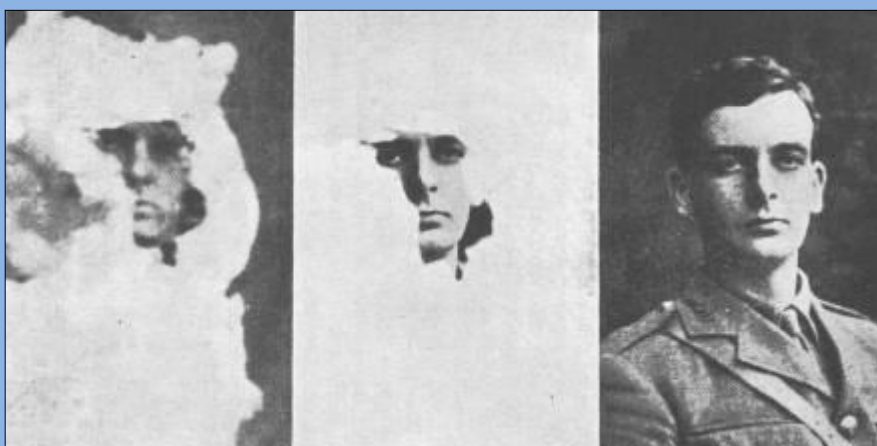
esperada, estava iminente. Onze minutos depois, de acordo com o sinal pré-combinado de “Walter” (quatro batidas com o pé de Mary M.) sendo batida a quarta, o instantâneo foi tirado e, ao momentâneo clarão da luz, pôde-se perceber os contornos de uma massa branca na frente da médium.

Logo a seguir, houve interessante diálogo entre a personalidade mediúnica “Walter” e o Dr. T. Glen Hamilton, a quem “Walter” anunciou que seriam reconhecidos os rostos minúsculos aparecidos na massa ectoplásmica.

Sete máquinas fotográficas foram usadas na experiência em questão. O Sr. Hugh A. Reed assistiu o Dr. Hamilton na revelação das chapas logo após o término da sessão, tendo ele próprio revelado a tirada por sua máquina no apartamento do hotel em que residia.

Conforme “Walter” anunciara, no meio da massa ectoplásmica que saía do nariz e da boca da médium, caindo sobre o colo, viam-se duas caras pequeníssimas e uma terceira não bem visível e nítida como as outras duas.

Uma delas apresenta, com fidelidade admirável, como se pode ver pela ampliação da fotografia tirada na sessão (figura abaixo), comparada com a batida, quando vivo, o filho do professor Oliver Lodge, morto na I Guerra Mundial, o mesmo Raymond que deu origem a um livro que leva o seu nome, de autoria do próprio pai e já publicado em nossa língua. Lodge, a quem foram remetidas as provas fotográficas, não teve objeções a opor aos elementos de identidade oferecidos pela fotografia, mostrando-se apenas surpreso por não ter o espírito de seu filho o avisado da experiência que ia tentar no Canadá, talvez esperando o resultado dela, para maior surpresa do pai.



Comparação do rosto de “Raymond”, quando fardado de soldado, com o aparecido na massa ectoplásmica saída da boca da médium.

A outra imagem, também identificada, apresenta um morto de cujo nome, por motivos de ordem particular, só foram publicadas as iniciais. A semelhança, neste caso, é também nitidamente perfeita.

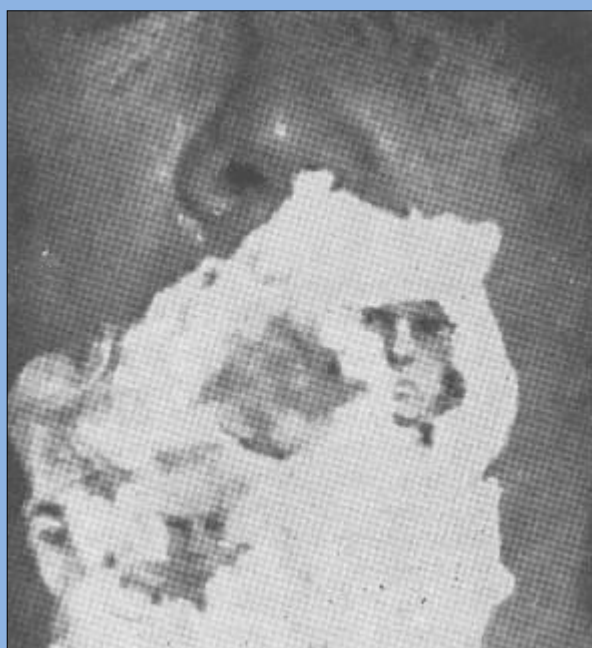
Limitamo-nos a fazer este resumo sem entrar no relato de inúmeros pormenores e abstendo-nos, por outro lado, de comentários a respeito. Os fatos falam por si e são bem eloqüentes.



Abundante emissão de massa ectoplásmica, mostrando rostos minúsculos de pessoas mortas, que foram reconhecidas.

O Dr. T. Glen Hamilton, já falecido, se revelou um dos mais hábeis cultores das pesquisas psíquicas, que lhe ficaram devedo-

ras de uma contribuição considerável de experiências bem impressionantes. Foi um sábio sereno e frio na experimentação e prudente e sóbrio nas teorias e conclusões. Não obstante, não se pôde furtar à necessidade de declarar, sinceramente, que não conseguia encontrar hipótese mais clara e satisfatória, para explicar os fenômenos relatados, senão aquela segundo a qual as entidades operantes eram realmente o que diziam ser, isto é, espíritos de pessoas mortas que procuravam fornecer aos vivos da Terra as mais extraordinárias e impressionantes provas de sua sobrevivência espiritual.



Ampliação da fotografia anterior, mostrando dois rostos de pessoas bem conhecidas em vida, sendo um de "Raymond", filho de Sir Oliver Lodge, e o outro de um jovem cujo nome não se quis divulgar.

Todas as fotografias que ilustram este volume foram por mim colocadas nele, visto não existir nenhuma delas nem na obra do Dr. Paul Gibier nem na monografia do Professor Ernesto Bozzano.

Poucas foram colhidas em outras obras, mas a maioria delas devo à ilustre redação da *Psychic Science*, de Londres, Inglaterra, que atenciosamente me remeteu os números que me eram necessários para esse fim.

O Dr. T. Glen Hamilton foi presidente de *The National Executive of the Canadian Medical Association* de 1922 a 1933,

membro da *Manitoba Medical Association* em 1921/22, membro da *Provincial Legislature* de 1915 a 1920 e decano da *King Memorial Church* durante 28 anos. Foi também presidente da *Winnipeg Society for Psychical Research*.

Do seu grupo habitual de experimentadores faziam parte quatro médicos, um advogado, um engenheiro civil e um engenheiro eletricista e ainda sua própria esposa, enfermeira diplomada. Ele se utilizou dos seguintes médiuns não profissionais: Elizabeth M., Mary M. e Mercedes.

Devo, finalmente, uma explicação ao leitor, isto é, que as duas fotografias a seguir – mais duas excelentes provas da sobrevivência espiritual – não fazem parte do assunto deste duplo trabalho. A primeira é uma das muitas luvas de parafina obtidas pelo médico francês Dr. Gustave Geley no Instituto Metapsíquico Internacional, do qual foi o primeiro diretor, e a seguinte obtida numa sessão com a médium de Boston, Sra. Margery Crandon, pela qual se manifestava o espírito “Walter”.

*O tradutor*



Um par de luvas de parafina com os dedos das mãos entrecruzadas, mostrando grãos do corante colocados na cera para melhor autenticá-lo.



Impressão digital feita em cera dentária pelo espírito “Walter”, verificada ser verdadeira em confronto com a constante de sua ficha datiloscópica completa existente nos arquivos das autoridades locais.

– FIM –

### Notas:

---

<sup>1</sup> Bozzano escreveu esta autobiografia em 1930. Seu primeiro artigo é de 1901 e ele escreveu até 1940. (N.T.)